

Estatuto e raízes da noção de signo na gramática geral de Condillac¹

Lourenço Fernandes Neto e Silva
Doutor em história da filosofia moderna
pela Universidade de São Paulo (USP)
lourencofnsilva@gmail.com

Resumo: Este artigo visa localizar alguns temas filosóficos que atravessam a obra de Condillac e se organizam em torno da noção de signo. Mostramos primeiro a relevância de sua filosofia no tratamento dessa questão nos artigos da Enciclopédia de Diderot e d’Alembert, que segue a classificação tripartite dos signos de sua primeira obra. Em seguida, apontamos que essa classificação é abandonada nas últimas obras. Para prover elementos que expliquem tal mudança, buscamos retrair de modo não-exaustivo algumas fontes que se entrecruzam no pensamento do autor: a semiótica de Locke e a influência da medicina; desdobramentos do cartesianismo; reflexões em torno da linguagem por categorias retóricas; discussões sobre as belas-artes; a compreensão dos signos como instrumento de memória e raciocínio; a *elocutio* retórica utilizada como arsenal lógico. Temos com isso três objetivos: inserir Condillac na longa história das noções de signo, destacar a importância dessa questão na história da filosofia, e indicar direções possíveis a pesquisas futuras que queiram se dedicar a um tal leque de problemas que gira em torno da filosofia da linguagem, da psicologia e do método.

Palavras-chave: Signo, Condillac, gramática, lógica, retórica, método.

Abstract: This paper aims to localize some philosophical problems present in Condillac’s work, organized around his notion of sign. First we expose the importance of his philosophy to the question in related articles of Diderot and d’Alembert’s Encyclopaedia, which follows a threefold classification of signs from Condillac’s first work. We then point out that this classification is put aside in his last works. In order to provide elements that might explain such a change, we then seek to retrace in a non-exhaustive approach different sources whose crossroads are to be found in his thought: Locke’s semiotics and the influence of medicine; some consequences of cartesianism; reflections on language through rhetorical categories; discussions around the fine arts; the comprehension of signs as instruments of memory and reasoning; and rhetorical *elocutio* used as a logic toolbox. With this we aim three objectives: to insert Condillac in the long history of notions of sign, to stress the importance of this question in the history of philosophy, and to indicate possible directions to future researchers who wish to study such a plethora of problems around the philosophy of language, psychology and method.

Keywords: sign, Condillac, grammar, logic, rhetoric, method.

Proponho-me aqui a expor de forma geral a posição e o papel da noção de signo na filosofia de Condillac, organizada em torno de alguns temas. Minha intenção com esta intervenção é sobretudo heurística; recorro portanto a uma organização em *tópicos*, visto que seria a organização mais útil para os leitores em motivar reflexões futuras. O objetivo é que mesmo aqueles que não

¹ Este texto é uma representação de desenvolvimentos de minha tese de doutorado, defendida em abril de 2021.

se interessem diretamente pela filosofia de Condillac, ou não a conheçam o suficiente, possam se orientar pelos temas que percorrem suas reflexões. Como todos esses assuntos têm raízes no século anterior, torna-se produtivo tomar os séculos XVII e XVIII em conjunto, como se fez no evento que ocasionou esta intervenção, pois questões legadas pelo XVII fermentam e se reordenam na produção do século seguinte.

A literatura crítica sobre Condillac estabelecia em décadas passadas que se trataria de um filósofo de uma única influência, a de Locke. Porém, é patente para a pesquisa especializada atual que está presente em suas reflexões uma ampla gama de autores e problemas da tradição filosófica. Um dos objetivos do artigo, então, é localizá-las mais precisamente, provendo bibliografia em torno de temas e problemas da época para pesquisadores futuros. Antes, porém, é preciso mostrar a importância da filosofia de Condillac para as discussões em torno do signo no iluminismo francês.

O signo no *Ensaio* de Condillac

A ideia de signo é central para a abordagem filosófica de Condillac desde seu primeiro livro, o *Ensaio sobre a Origem dos Conhecimentos Humanos*, publicado em 1746. O que nos interessa aqui, porém, é que, além da relevância do desenvolvimento conceitual do signo para sua filosofia, esse texto tem grande relevância histórica pela influência que teve nas discussões iluministas. Embora este autor seja considerado secundário pela manualística contemporânea, ele foi muito influente em seu século quanto à metafísica, à filosofia da linguagem e ao método, além de ter sido amigo próximo dos enciclopedistas, como Rousseau, D'Alembert, Diderot, Maupertuis, entre outros.

A recepção imediata do *Ensaio* de Condillac foi muito positiva, em especial por sua posição aparentemente ortodoxa a respeito da imaterialidade da alma, em oposição a certas especulações de Locke. Como prova da relevância de Condillac na filosofia iluminista no campo das teorias do signo e da metafísica, analisaremos aqui o próprio artigo *Signo* da *Encyclopédie* de Diderot e d'Alembert, publicado quase vinte anos após o *Ensaio* de Condillac. A entrada *Signo* contém diferentes seções independentes,² dedicadas às diferentes áreas de *Metafísica*, *Álgebra*, *Astronomia*, *Medicina semiótica*, *Música* e *Literatura*, nesta ordem. Voltaremos a algumas delas ao longo deste artigo. Pelo momento, importa estabelecer que a área que mais propriamente classifica o campo do saber a que pertence o conceito de Signo é a Metafísica, primeiro texto da entrada. O artigo

² Contidas no volume XV, de 1765, p.188a-189a.

correspondente, todavia, é muito curto:

Signo é tudo o que é destinado a representar uma coisa. O signo contém duas ideias, uma da coisa que representa, outra da coisa representada; sua natureza consiste em excitar a segunda mediante a primeira.

Podem-se fazer diversas divisões de signos, mas nos contentaremos aqui com três, as mais úteis.

Distingo três espécies de signos, 1º Signos acidentais, ou objetos que circunstâncias particulares ligaram a algumas de nossas ideias, de sorte que são apropriados para despertá-las; 2º Signos naturais, ou gritos que a natureza estabeleceu para sentimentos de alegria, medo, dor etc.; 3º Signos de instituição, que nós mesmos escolhemos e que não têm com nossas ideias senão uma relação arbitrária. Estes últimos são necessários para que o homem controle o exercício de sua imaginação.³

Embora o autor do artigo seja desconhecido, essa divisão entre signos acidentais, naturais e arbitrários é uma transcrição exata de uma passagem do *Ensaio* de Condillac:

Para desenvolver inteiramente os recursos da imaginação, da contemplação e da memória, é preciso investigar de que modo os signos auxiliam nessas operações.

*Distingo três espécies de signos, 1º Signos acidentais, ou objetos que circunstâncias particulares ligaram a algumas... [...] Estes últimos são necessários para que o homem controle o exercício de sua imaginação.*⁴

Essa transcrição, embora não indicada, não passaria despercebida pelos contemporâneos que conhecessem o assunto. O volume em que se encontra, de 1765, é posterior às batalhas editoriais que ajudaram a torná-la particularmente célebre. Condillac, entretanto, nunca escreveu para a Enciclopédia, embora seja referido positivamente em artigos como *Lógica*, *Consciência*, *Erro*, *Etimologia*, *Existência*, *Hipótese*, *Sistema*. Já o artigo *Signo* tem seu núcleo transcrito diretamente do *Ensaio*, sem menção ao autor. Discutirei sumariamente aqui esta classificação dos signos no contexto da obra de 1746.

No plano do *Ensaio*, a citação transcrita aparece na primeira das duas partes, que pode ser descrita como a parte psicológica da obra. A perspectiva muda de uma parte a outra: na primeira, o foco é o funcionamento das representações de um indivíduo⁵, e o texto se propõe a desenvolver geneticamente as faculdades da alma. Na segunda, o foco é o grupo humano tomado em conjunto,

³ Cita-se aqui a entrada completa, retirada da tradução selecionada de artigos da Enciclopédia da editora Unesp, 2015, volume II (“O Sistema dos Conhecimentos”), p. 395. O autor do verbete é desconhecido.

⁴ CONDILLAC, 2018, p.70. [*Ensaio sobre a Origem dos Conhecimentos Humanos*, parte I, seção II, Capítulo IV: “Que o uso dos signos é a verdadeira causa dos progressos da imaginação, da contemplação e da memória”]

⁵ Não nos caberá aqui aprofundar a discussão respectiva, melhor exposta abaixo. Lembramos ao leitor que na filosofia de Condillac a alma é um substrato de unidade metafísica, o que justifica descrevê-la como individual.

e a investigação se dedica à origem da linguagem e das diferentes artes e ciências. Quanto à primeira, já se destaca o papel do signo pois, como se diz textualmente, o salto mais importante na reconstituição genética das faculdades é exatamente que a alma aprenda a se valer livremente de sua própria imaginação, o que se faz através dos “signos de instituição”.

Segundo a construção do *Ensaio*, a alma humana após a Queda fia-se a princípio exclusivamente pela percepção e pela reminiscência, esta última entendida como a persistência de percepções na alma, isto é, como uma memória de funcionamento não livre. As sensações, que a experiência apresenta ligadas, fixam-se como tais na reminiscência mesmo antes de a alma assenhorear-se de si mesma. Essas ligações, atribuídas à faculdade da imaginação, correspondem aos signos *acidentais*.

A passagem crucial da reconstituição genética do *Ensaio* é o momento em que a alma se torna capaz de controlar-se. Tal passagem do fortuito ao voluntário nas representações se daria exatamente pelo aprendizado dos signos *de instituição*; no entanto, ela não deixa de ser problemática, como reconheceu o próprio Condillac posteriormente.⁶ Continuemos, porém: a transição dos signos acidentais aos de instituição exige como mediadores os signos *naturais*. Nesta concepção, a natureza tem o papel de verdadeira mediadora universal das correspondências, garantida justamente pela vigência das leis naturais. No caso, isto significa que a passagem está garantida pela conformação fisiológica do indivíduo que usa signos, pois o seu corpo responde de pronto e de forma irrefletida a certos estímulos; os exemplos típicos aqui são efeitos corporais dos sentimentos, como a dor, o medo, etc. No contexto da primeira parte tomada isoladamente, todavia, não se explica adequadamente tal transição, pois é preciso, para aprender os signos de instituição, que o indivíduo esteja inserido numa comunidade humana. Como apenas a segunda parte deixará claro, embora esteja sugerido desde a primeira parte (seção IV), o fato fundante dos signos de instituição é a compreensão de um signo natural manifestado *por outra pessoa*, a partir do qual se forma a progressão apresentada no começo do capítulo em questão aqui, momento em que se começa a apresentar a virada das faculdades irrefletidas às refletidas mediante a composição de uma “memória”, termo que no *Ensaio* diz respeito, por definição e em oposição à “reminiscência”, aos signos de instituição. Assim, a linguagem humana, termo tomado de forma geral, ou seja, amplamente semiótica, seria a verdadeira causa do funcionamento da memória e da imaginação *ativa*, em oposição à imaginação passiva dos signos acidentais e da experiência pré-social.

O objetivo de toda a primeira obra de Condillac é “reduzir a um único princípio tudo o que

⁶ Esta problemática costuma ser apresentada a partir da expressão “trop donné aux signes” de uma das cartas de Condillac a Maupertuis (CONDILLAC, 1947-51, OP II, p.535b-538 [Carta V, 25 de junho de 1752]).

concerne o entendimento humano”⁷, chamado *princípio da ligação das ideias*. Este princípio único que explicará todo o funcionamento do entendimento é, de forma enganosamente simples, o do concatenar das ideias. Ora, uma ligação tomada em geral é exatamente um signo, posto que o signo representa algo mediante outra coisa, estabelecendo assim uma relação de representação entre ambas e possibilitando a passagem de uma a outra pela imaginação. No Ensaio, portanto, essa relação é a princípio acidental; quando diz respeito à mediação das leis da natureza, a relação é natural; com o desenvolvimento das relações sociais, a relação se torna instituída e arbitrária.

Porém, o próprio Condillac colocará problemas a essa classificação em suas obras posteriores, e é por isso mesmo muito curioso que ela permaneça consagrada na Enciclopédia mais de vinte anos depois, uma vez que àquela altura o abade já havia realizado uma completa reorganização de sua filosofia. Aquela classificação tripartite dos signos é abandonada desde o *Tratado das Sensações* (1754), e reaparece obliquamente apenas como uma outra divisão de tipos de linguagens de ação, agora bipartite, entre natural e artificiais.⁸ A manutenção da classificação anterior no artigo na obra de Diderot e d’Alembert parece apontar antes para a interferência de Diderot, que romperá com o abade desde antes da publicação do *Tratado das Sensações*, e considerava a primeira obra de Condillac a sua melhor.⁹ Entretanto, voltarei apenas no fim deste artigo aos motivos do abandono de uma classificação geral dos signos na última filosofia de Condillac. Por ora, permito-me desviar em direção às fontes desses problemas para o pensamento do abade, pois eles ademais fornecerão alguns elementos para compreender esta transição da teoria. Com vistas apenas a mapear as fontes, trataremos aqui de forma sumária a) da própria ideia de semiótica como ciência dos signos em Locke, e sua relação com a medicina; b) da herança cartesiana; c) da tradição retórica em geral, instanciada na obra de Bernard Lamy; d) das discussões em torno das belas-artes, cujo instrumental é também retórico; e) da tradição que aborda os signos como instrumento metódico, associado ao raciocínio e à memória, cujo principal exemplo é Leibniz; f) do desenvolvimento por Du Marsais da *elocutio* retórica como uma lógica. Contudo, não pretendo com esta divisão estabelecer como independente cada uma das seis fontes que se seguem, já que elas certamente se entrelaçam; a divisão é parcialmente imprópria, e se justifica apenas pelo ganho heurístico da organização temática das questões. Vamos a elas.

⁷ Subtítulo da obra: “Ouvrage où l’on a réduit à un seul principe tout ce qui concerne l’entendement humain.”

⁸ *Gramática*, I, 1 [1798]. CONDILLAC, 2016, p.160.

⁹ O relato da opinião de Diderot é feito por NAIGEON, 1792. [“Condillac, philosophie de”, p.7b.]

Primeira fonte: a semiótica (Locke)

O *Ensaio sobre o Entendimento Humano* de Locke é anunciado desde a primeira obra de Condillac como uma referência fundamental para sua filosofia e principal fonte de suas reflexões.¹⁰ É também naquela obra que o filósofo inglês propunha, no último capítulo, uma organização da filosofia em torno da física, da filosofia prática, e da *semeiotiké*.¹¹ O termo tem sua origem na medicina, disciplina estudada por Locke, e refere-se ao campo da investigação dos sintomas, tomados como signos da situação de um corpo vivo. Ora, também na entrada da *Enciclopédia* referida no começo deste texto figura a acepção de signo como “medicina semiótica”, que consiste na arte de interpretar os sinais que o corpo dá, e cujo principal exemplo, no artigo de 1765, é o pulso. Para Locke, essa semiótica é considerada como gênero do qual a Lógica, ou conhecimento das palavras, seria apenas uma sub-região. A perspectiva é compreensível se se entende que a ideia de signo abarca percepções de todo tipo, enquanto as palavras são caso específico, embora privilegiadas pelo uso humano, de percepções auditivas ou visuais. Na filosofia de Locke, porém, as palavras são entendidas apenas como meio de *comunicar* as ideias. Portanto, para o autor, mesmo num indivíduo isolado as “ideias” já são elementos da representação, enquanto o emprego dos “signos” apenas as torna comunicáveis.

John Deely, historiador da semiótica, localiza em Locke um ponto de virada na história das discussões acerca do signo por colocar o problema no centro da epistemologia (DEELY, 2001). Ao reconhecer nos signos o meio de comunicação em geral dos pensamentos, Locke teria inaugurado uma nova “era do entendimento”. Deely, porém, não explora os desenvolvimentos da doutrina levados a cabo pelo iluminismo, em que Condillac figura de forma preponderante.¹² O autor foi responsável por redescobrir e estudar obras do século XVII sobre os signos que teriam sido importantes como antecedentes de Locke, em especial o *Tratado dos Signos* de Poinot, que ele editou e enalteceu (DEELY, 1985).¹³ Essa linhagem nos levaria a raízes mais profundas da filosofia escolástica ibérica, e deve ser lembrada como direção possível a futuras pesquisas; porém, explorá-la está além do escopo deste artigo.

A linha mais produtiva parece-nos ser a que liga a ciência dos signos à medicina. Em Condillac, essa influência se manifesta na compreensão dos já mencionados signos naturais, enraizados na

¹⁰ CONDILLAC, 2018, Introdução.

¹¹ LOCKE, 1823a [*Ensaio sobre o Entendimento Humano*, IV, 21, §4.]

¹² DEELY, 2001, p.593, nota 8. Deely sugere que haveria mais a ser explorado em Condillac e seus seguidores quanto à história da semiótica, mas não segue esta via, nem parece conhecer estudos relacionados ao assunto.

¹³ Poinot classifica os signos entre os naturais, os *ad placitum* (instituídos por vontade individual, como uma fita no dedo que lembra algo) e os *ex consuetudine* (instituídos pelo costume, como uma língua.)

organização fisiológica. Em seu *Dicionário de Sinônimos*, verbete *Organização*, Condillac a explica como “a forma ou a construção das partes que tornam o animal capaz de funções necessárias à sua conservação”.¹⁴ A questão cosmológica da mediação das leis naturais, que de partida integram todos os fenômenos do universo, permite para o abade uma passagem segura dos efeitos do corpo aos efeitos da alma. Essa ligação é corroborada pelas reflexões fisiológicas da época, e em particular aquelas em torno do arco reflexo, fenômeno que une movimento e sensação nas fibras dos músculos e dos nervos.¹⁵ Na organização da Enciclopédia, a “Semeiótica ou Semeiologia” (*sic*) é uma subdivisão da medicina. Tal situação estabelece uma relação equívoca entre as disciplinas, pois ao mesmo tempo a medicina semiótica é, por sinédoque, identificada às reflexões sobre os signos. A doutrina geral dos signos, então, ultrapassa a medicina e parece identificar-se à própria metafísica; donde se segue que ela é ao mesmo tempo gênero acima da medicina e espécie subordinada a ela. Certamente não seria irrelevante para a pesquisa futura explorar as fontes históricas desses conceitos, que na época iluminista passam não apenas por Locke, mas também pelo médico holandês Boerhaave, por sua vez referência para os trabalhos de François Quesnay. Quanto a este último, seu *Ensaio sobre a Economia Animal* é citado por Condillac numa passagem que trata da própria natureza da alma.¹⁶ A experimentação da medicina parece estabelecer alguma analogia entre a *força vital* que integra o ser vivo como indivíduo, como a descreve Quesnay, e a própria integração metafísica da alma realizada pelo princípio da ligação das ideias de Condillac.¹⁷

Um grito de dor é signo natural da própria dor. No sensualismo de Condillac, é a partir deste liame primitivo que se podem desenvolver todas as línguas, pois no corpo se inscreve a primeira linguagem, chamada “de ação”. Ela permanecerá na filosofia tardia de Condillac como ponto de partida experimental dessa ligação dada entre a alma e o corpo, problema que inevitavelmente nos remete à tradição cartesiana.

Segunda fonte: o cartesianismo (Port-Royal, Cordemoy)

Para falar do cartesianismo como fonte de problemática, é preciso inicialmente, para nossos fins, apontar que a questão da relação entre a alma e o corpo parece conjugar-se inevitavelmente ao problema metodológico da relação entre a lógica e a gramática. Afinal, a lógica corresponde ao pensamento como a gramática corresponde ao corpo, unindo-se ambas propriamente no ato da

¹⁴ CONDILLAC, 2016, p.285.

¹⁵ HALLER, 1755. Para a história dessa questão, cf. CANGUILHEM, 1995.

¹⁶ QUESNAY, 1747, tomo III, cap. 13, *apud* CONDILLAC, 2022, I, 3.

¹⁷ O problema em verdade estava posto desde o próprio Locke, que trata o problema da individuação (física, orgânica, pessoal) no *Ensaio*, II, 27 (“Sobre a Identidade e a Diferença”). Para uma discussão aprofundada deste capítulo e sua fortuna para a filosofia da consciência, cf. BALIBAR, 1998, e CHARRAK, 2009.

fala, momento portanto crítico para a teoria. Se num primeiro momento, para o cartesianismo, a relação entre as duas disciplinas é análoga à relação entre o corpo e a alma, veremos a complicação de ambas as questões quando as investigações desenvolverem o assunto a partir da segunda metade do XVII.¹⁸

Apesar de a Lógica subordinar a Gramática também nas obras de Port-Royal, em paralelo à subordinação do corpo à alma, Condillac não deixa de lhes prestar reverência: “Os senhores de Port-Royal foram os primeiros a trazer alguma luz aos livros didáticos. É verdade que esta luz era fraca, mas foi com eles que começamos a ver, e devemos ser-lhes ainda mais gratos, posto que, durante séculos, preconceitos grosseiros mantiveram fechados os olhos dos homens”.¹⁹ O que Condillac deseja reformar ao longo do *Curso de Estudos ao Príncipe de Parma*, cuja primeira parte é a Gramática donde se tira a citação, são portanto os *livros didáticos*, o que demonstra sua filosofia como uma proposta de reformulação global do currículo. Quanto aos aspectos pelos quais devamos ser gratos aos Solitários, Condillac parece apontar para uma depuração e desenvolvimento da discussão em torno de o que são os *elementos* do pensamento, recolocada a partir daqui por uma *teoria das ideias* que será muito discutida e desenvolvida no período, inclusive por Locke. Com a *Lógica* de Port-Royal, teria sido posta de lado a tentativa de ensaiar uma lista preliminar exaustiva dos elementos do pensamento. A *Logique* busca se desvencilhar de outras tradições metodológicas concorrentes, argumentando por exemplo que a divisão em dicotomias, cara ao ramismo, não é necessária (parte II, cap.15), que a silogística de Aristóteles só serviria para falar do que já sabemos (Parte I, cap. 3); e que a *Ars Magna* de Raimundo Lúlio só serviria pra falar sem critério do que não sabemos (*ibidem*).²⁰ A primeira parte da Lógica de Port-Royal será cumprida não pelos tópicos ou lugares, mas pela faculdade de “conceber” uma ideia em geral. Encontramos então o papel negativo que a obra tem para Condillac, em sua importância para dar cabo dos preconceitos herdados por métodos como os de Aristóteles, Petrus Ramus e Raimundo Lúlio, substituindo-os por uma teoria das ideias.

No contexto da reflexão em torno da relação entre a alma e o corpo, se tornará fundamental buscar compreender de que modo o pensamento intervém nos órgãos da boca para articular os termos pensados e, por outro lado, como os termos ouvidos se convertem em pensamentos. Tais investigações foram realizadas com algum sucesso desde 1668 na obra *Discours Physique de la Parole*,

¹⁸ Para uma excelente história da importância dos desenvolvimentos do cartesianismo para as discussões iluministas, de onde tiramos boa parte das indicações desta seção, cf. a o estudo de RICKEN, 1994, parte I.

¹⁹ CONDILLAC, 2016, p.155 (“Objeto desta obra”).

²⁰ ARNAULD & NICOLE, 1662.

do cartesiano Cordemoy, alguns anos portanto após a Gramática e a Lógica de Port-Royal.²¹ No prefácio ao texto o autor diz que, após ter investigado o conhecimento que podemos ter *de nós mesmos*, ele decidiu dedicar-se ao problema de como podemos conhecer *os outros* e sermos conhecidos por eles, o que se realiza pela Palavra (*Parole*), entendida como a maneira de “dar signos de seu próprio pensamento”. Vemos assim a comunicação, pela segunda vez, como problema que impõe o tema dos signos às discussões sobre o conhecimento. Ademais, a atenção dada ali à articulação das palavras pelo movimento dos órgãos da boca, mas também a classificação dos signos em “naturais” e “de instituição”, mostram-nos alguns problemas e termos que permanecerão em discussão no século seguinte. Outro aspecto importante do problema é naturalmente oriundo da obra *As Paixões da Alma* de Descartes, onde as paixões são compreendidas justamente como estímulos provenientes do corpo, não da racionalidade da alma.²² A interferência do corpo sobre a alma provê a intromissão de um componente que arrisca desorganizar a plena racionalidade da *res cogitans*. A investigação de Cordemoy, embora claramente cartesiana, termina por apontar certa importância da expressão dos sentimentos para a compreensibilidade da língua. Ora, a história que traçamos aqui será também a da progressiva revalorização do passional diante do intelectual. A retórica, por sua vez, é uma das disciplinas que trata tradicionalmente das paixões ou *pathos*, ao lado da psicologia (no *De Anima* de Aristóteles, por exemplo). Na *Retórica*, o termo se refere à recepção de um discurso pelos ouvintes, sendo este uma das três fontes de persuasão, acrescida do *logos*, o discurso, e do *ethos*, o caráter do falante.²³ O conteúdo desse esquema retórico já é por si mesmo comunicacional quando distingue categorias correspondentes às atualmente chamadas respectivamente de receptor, mensagem e emissor.

Terceira fonte: a retórica (Bernard Lamy)

A *Retórica ou a Arte de Falar* de Bernard Lamy, cuja primeira edição data de 1675, foi traduzida para o inglês indevidamente como “Retórica de Port-Royal” já no ano seguinte a sua publicação em francês. Locke teria até mesmo levado um exemplar deste texto consigo à Inglaterra após sua estadia em Paris.²⁴ A obra tem muitas revisões e acréscimos de profundidade até o início do século

²¹ CORDEMOY, 1668.

²² DESCARTES, 1909 (*Les Passions de l'Âme*, art. 112: “Quels sont les signes extérieurs de ces Passions?”): “Os principais destes signos são as ações dos olhos e do rosto, as mudanças de cor, os tremores, o langor, o desmaio, os risos, as lágrimas, os gemidos e os suspiros.” - p. 411, linhas 21-25.

²³ Aristóteles, *Retórica*, I, 2, 3, 1356a. Sobre a valorização do *pathos* na retórica durante a transição dos séculos 17 e 18, cf. os artigos pertinentes em FUMAROLI, 1999, principalmente SERMAIN, 1999.

²⁴ Locke passou uma temporada em Paris na década de 1670, e aponta-se (RICKEN, 1994, p.58, n.36) que voltou à Inglaterra com alguns livros importantes, entre os quais *A Busca da Verdade* de Malebranche, o *Sobre as Ideias verdadeiras e falsas* de Arnauld, a *Retórica* de Bernard Lamy, a *Janua aura linguarum* de Comênio, um *Abrégé de la philosophie de Gassendi*

XVIII, e perfaz provavelmente a mais importante das inflexões conceituais que trazemos aqui, pois é a partir da tentativa de integrar os problema da figuração e do signo no quadro da filosofia de Port Royal que Lamy encontraria *uma unidade original entre a paixão e a produção de sentido*.²⁵ Ao buscar, já no primeiro livro da obra, uma teoria geral da significação, o autor evidencia a impossibilidade de decidir a respeito de alguma anterioridade entre a palavra e a ideia, o que poderá ser estendido com proveito (por autores posteriores) também à questão da prioridade entre gramática e lógica. No cruzamento entre reflexões lógicas, morais e retóricas, Lamy autonomiza o signo e busca englobar os procedimentos figurativos das expressões linguísticas numa lógica da significação. Ora, Lamy considera as figuras de linguagem como o lugar próprio do *pathos*; assim, a paixão ganha estatuto de modo autêntico de pensamento, ligando-se a reflexões derivadas de Agostinho, de Malebranche e da “hermenêutica universal do enciclopedismo renascentista”.²⁶ Na investigação sobre os sons do livro III, ele parte dos resultados de Cordemoy, que dividia com Descartes a palavra em elementos espirituais e materiais. Entretanto, enquanto Descartes e Cordemoy invalidam de certo modo a investigação fisiológica da prosódia, pois o discurso seria domínio exclusivo da alma, Lamy resgata a pertinência deste assunto para estabelecer de forma mais clara a relação entre as duas substâncias, corpo e alma.

Quando dá legitimidade ao papel do corpo, Lamy também retoma a doutrina de Malebranche sobre o estatuto das paixões e seu bom ou mau uso, em outro aspecto que seria prolongado por Condillac. Com Lamy, a produção da figuração em um discurso não procede da concepção, como em Port-Royal, mas da paixão, numa “elaboração físico-moral, ‘patética’, do sentido-signo”.²⁷ Além de isto abrir a possibilidade de ideias não racionadas [*non-raisonnées*], aparecem na obra em posições de destaque conceitos que serão centrais também em Condillac, em particular o de “circunstâncias” como contexto, e o de “ligação” [*liaison*] como relação. A execução pioneira de Lamy não passa porém livre de problemas, que serão legados aos autores seguintes. Além do mais, a figuração aqui tem valor apenas semântico, restrito, e não chega a anunciar a linguagem como *inteira e constitutivamente figural*,²⁸ como o farão Condillac e Rousseau. Restringindo o tropo àquilo que ele provê de sentido, sem desafiar as distinções disciplinares, este autor não dá o passo, que nos parece fundamental, a uma prefiguração da semiótica como disciplina geral; mas já mostra claramente que, a partir da retórica, é possível desenvolver com proveito uma filosofia da

por Bernier, e uma obra de Desgabets contra Malebranche.

²⁵ NOILLE-CLAUZADE, 1998, seção B. O trabalho de Noille-Clauzade é nossa principal fonte crítica aqui.

²⁶ *idem*, seção C.

²⁷ *idem*, seção B.

²⁸ A expressão é de NOILLE-CLAUZADE, 1998, seção E, embora concordemos plenamente com a avaliação.

linguagem.

Destaquemos afinal que Condillac em seu *Discurso Preliminar ao Curso de Estudos* se referia por “arte de falar” à gramática, enquanto Lamy se refere com isso à retórica.²⁹ Da parte do abade, a diferença que se estabelece entre as duas disciplinas é apenas “do maior para o menor”: a gramática seria assim “o menor”, os elementos da fala que compõem a frase, e a retórica “o maior”, os textos completos em sua arte mais bem acabada. Em seu método, entretanto, isto não constitui uma diferença significativa: “É pelas mesmas regras que escrevemos bem todo um discurso e que construímos bem uma frase. [...] Para aperfeiçoar as artes, era preciso apenas aprender a fazer no maior o que havíamos feito no menor. O método é um e o mesmo em toda parte.”³⁰ Isso significa que em sua filosofia gramática e retórica se indistinguem, guardando o conjunto de ambas o nome da primeira, que passará a se dispor face à lógica como as palavras se dispõem face às ideias, isto é, em relação de reciprocidade.

Quarta fonte: as belas-artes (Jean-Baptiste Du Bos)

A devida compreensão do influxo da retórica nas teorias epistemológicas sensualistas, porém, não se completa apenas por esta disciplina tomada em sentido estrito, que trata propriamente da arte do orador. Ao contrário, desde o Renascimento há uma forte tendência à sistematização das diversas artes, como a pintura, a escultura, a música e a arquitetura, através de um processo de importação das categorias retóricas, isto é, de uma retoricização das artes.³¹ Essa transferência do instrumental de análise retórico expande o domínio de referência dessas categorias, da audição e visão *de palavras* (nos discursos e na escrita) a todo tipo de apreensão visual, sonora, ou mesmo tátil quando se abre às demais manifestações artísticas. As próprias fontes clássicas de sistematização retórica (Aristóteles, Cícero, Quintiliano e Horácio, sobretudo) por vezes estabelecem comparações entre a arte do orador e as demais, motivando esses desenvolvimentos. A célebre expressão de Horácio, *Ut pictura poesis* (“a poesia é como a pintura”), promove para o século XVIII uma comparação entre uma arte do sucessivo-auditivo e uma arte do simultâneo-visual, mas talvez fosse interpretado pelos antigos com ênfase sobre a poesia, pois seria esta a arte maior; já ao longo da modernidade aquele verso teria sido interpretado para compreender, de forma bem mais sistemática, a correspondência recíproca entre ambas, e analogamente entre a fala e a visão. Ao

²⁹ CONDILLAC, 2016, p.141.

³⁰ CONDILLAC, 2016, p.272. (*Dicionário de Sinônimos*, art. “Arte”)

³¹ VICKERS, 1998, p.340-374. (“Rhetoric and the Sister Arts”). Lembremos que *Música* é uma das acepções do artigo *Signo* da Enciclopédia, referente à notação musical.

fim deste período, no *Discurso Preliminar* da Enciclopédia, forma-se pela primeira vez o sistema teórico completo das *belas-artes*, sendo o próprio termo novidade de fins do XVII.³²

Um tal influxo a partir das discussões sobre as belas-artes dá portanto mais força à tendência de valorizar as paixões, pois investigar o espectador do quadro coincide, mais uma vez, com o pólo do *pathos* retórico: os ouvintes, os espectadores. Para a filosofia de Condillac, a obra mais relevante parece ser a do abade Du Bos, *Reflexões Críticas sobre a Poesia e a Pintura*, de 1719. A ênfase da comparação entre a pintura e a poesia, porém, talvez se encontre na pintura, pois a visão se tornou o sentido principal, símbolo da própria inteligência, e a audição apenas derivado, de modo que seria de se imaginar que a poesia é que deveria se mirar, agora, na pintura. Essa hipótese parece se confirmar na ênfase da categoria retórica do *ante oculos ponere* (pôr sob os olhos) ou, em grego, da *ekphrasis*, entendidas como virtude intelectual. O discurso almejado é aquele cuja *clareza* é tão *viva* que cause a ilusão de se estar de fato *vendo* aquilo que o discurso conta. A relação entre os sentidos, de toda forma, permanece mútua e correrá nos dois sentidos, e é exatamente isto que Dubos destaca ao buscar desierarquizar as belas-artes.³³ Em vez disso, reúne-as num mesmo gênero sob o viés da “imitação”, outra categoria que seria retomada por Condillac em posição preponderante.³⁴

A referida obra de Dubos propõe investigar a origem do prazer, isto é, explicar ao leitor o que se passa em si mesmo quando está diante de uma boa obra de arte.³⁵ É de se notar que a distinção que vai se consolidando nesta época entre ciência e arte se dá ainda por um critério retórico, pois um orador tem três ofícios, *docere, mouere, delectare*, instruir, emocionar e agradar. A paixão se identifica na obra de Dubos sobretudo pelos últimos dois aspectos, a emoção e o agrado, e é aquele a que Dubos se dedica, objeto próprio da divisão do que virão a ser as belas-artes. Inversamente, as ciências serão os discursos que buscam principalmente instruir. Assim, Du Bos estabelecerá o sentimento como algo que já preexiste mesmo antes de sua explicitação. Retomando igualmente Malebranche, este sentimento é uma espécie de “juízo natural”, e será assimilado ao termo gosto [*goût*], entendido como a experiência e o juízo do espectador. Valorizar e legitimar o olhar do espectador será dar-lhe o direito de julgar as obras de arte por si mesmo.³⁶ Permanece, porém, alguma restrição na posse deste gosto, pois ele se forma apenas por comparação com outras obras; Dubos trata assim do gosto do público *esclarecido*, já que um público ignorante não poderia ter

³² Ver quanto a isso KRISTELLER, 1951, e KRISTELLER, 1952.

³³ A desierarquização das belas-artes corre em sentido contrário às tendências renascentistas de composição de *Paragones*, gênero de texto que busca defender alguma arte como superior a todas as demais.

³⁴ cf. CONDILLAC, 2022, II, 3.

³⁵ cf. DÉSIKAT, 2015.

³⁶ Cf. p. ex. DUBOS, 2015, Vol. II, seq. XXII, pp.305-21: “Que o público julga bem sobre os poemas e quadros em geral. Do sentimento que temos para conhecer-lhe o mérito.”

opinião razoável. De toda forma, admite-se que todo ser humano tem uma sensibilidade capaz de julgar sobre o belo, e a impressão que cada um tem diante de uma obra é considerada legítima e verdadeira. Para Du Bos, como será a Condillac, a sensibilidade é um juiz natural suficientemente bom, embora possa ser ainda aprimorada por estudo e experiência.

Com o acréscimo das reflexões artísticas, torna-se claro que a valorização do *pathos* é concorrente à valorização epistemológica da receptividade sensorial no modo como se apresenta no sensualismo condillaquiano. Constituem-se assim, nas possibilidades das inscrições de um suporte em branco, dois pólos entre os quais se dispõe qualquer cognição: imagem ou análise (em *caracteres*, ver próxima seção abaixo), pintar um quadro ou escrever uma página.³⁷ É possível portanto *pintar* ou *analisar* um pensamento; porém, estas metáforas representam na filosofia de Condillac pólos de um contínuo, não classes distintas. Elas apresentam como aspectos correlativos por um lado a extensão do entendimento e por outro a intensidade do afeto, duas dimensões constitutivas de qualquer pensamento.³⁸ Encontramos assim, num projeto de unificação do *trivium*, a convergência de dois tipos de apreciação da receptividade sensorial, que poderíamos caracterizar como extensa e intensa, ou, em paralelo à disputa seiscentista acerca da pintura entre “poussinistas” e “rubinistas”, já caduca no XVIII, em torno da preponderância do desenho ou da cor.³⁹

O quadro como metáfora da compreensão é um fato geral para todo o século: na *Encyclopédie*, o próprio artigo “Conjunto” [*Ensemble*] não pertence à Lógica, como se esperaria do termo desde fins do século XIX, mas ao domínio da Pintura, referindo-se à boa disposição, no quadro, dos diferentes elementos, e da clara expressão de suas relações. A analogia entre escrita e pintura é muito cara a Condillac, e paralela à relação entre o sucessivo e o simultâneo, ou entre a audição e a visão. Se falamos nesta seção da imagem como uma das possibilidades do suporte em branco, vejamos então sua contraparte, a escrita.

Quinta fonte: a *Literatura* (Leibniz, Warburton)

A última seção daquela entrada *Signo* da Enciclopédia trazia a curiosa classificação de um campo da “Literatura” na compreensão de “*Signos, escrita por*”. O termo literatura aqui não antecipa o que entendemos hoje por este termo, antes refere-se à própria ciência das *letras* [*litteras*] enquanto

³⁷ De fato, lembra-nos Condillac, “ideia” é uma expressão figurada que significa o mesmo que “imagem”, cf. CONDILLAC, 2016, p.34. (*Lógica*, I, III)

³⁸ Cf. CONDILLAC, 1947-51, OP I: *Art d'Écrire*, IV, cap. 5.

³⁹ Como mostra KOSSOVITCH, 2011, pp.212-229, Condillac é “colorista” quando destaca, além da nitidez, o “caráter” como critério da boa escrita. Sobre a disputa da pintura acadêmica entre desenho e cor, entre o modelo de Poussin e Rubens, ver também DÉSIKAT, 2015.

símbolos. Os reenvios do artigo remetem a outros como *Carácter, Nota, Abreviação*.

A importância da escrita para o raciocínio e a memória é um tema tradicional da filosofia, remetendo pelo menos ao já mencionado Raimundo Lúlio, que buscava uma classificação geral das ideias por uma espécie de indexação através de letras.⁴⁰ Já no século XVII, Hobbes é um dos principais exemplos dessa compreensão, ao admitir não apenas o uso dos signos para a comunicação, mas também um uso para a própria memória, expresso no termo *nota*.⁴¹ A escrita como ferramenta de pensamento também para si mesmo não é nova, mas tradicionalíssima, e se conjuga à tradição dos cadernos de lugares-comuns, ou seja, ao recurso das anotações de citações ou de pensamentos próprios.⁴²

No século XVII, autores ingleses como Wilkins buscaram desenvolver uma “característica real”, isto é, um sistema de caracteres cuja correspondência com as coisas do mundo se desse de forma inequívoca.⁴³ O artigo *Carácter* retoma tais autores, sem deixar de lado o mais célebre entre tais autores, responsável por um projeto de *Característica universal*: Leibniz. Esta é uma linhagem de reflexões que empresta à própria economia dos signos algum papel positivo para a produção dos raciocínios, pois seria capaz de inventariar e manipular diligentemente os pensamentos, e cujo paradigma de sucesso no iluminismo se encontra nos desenvolvimentos contemporâneos da álgebra ou “análise”.⁴⁴

A reflexão sobre a escrita é fundamental em Condillac e usada estrategicamente com exemplo em momentos cruciais de argumentação em vários textos. No Ensaio (Parte II, cap. 13), ele retoma e corrobora posições expressas pelo inglês Warburton a respeito da invenção e do desenvolvimento da escrita a partir da pintura. Ali, de modo típico à metodologia genética iluminista, busca-se a explicação do fenômeno pela reconstituição de suas origens numa progressão esquemática, que não se confunde propriamente com a história. Nessa lógica sucessiva, as representações começam como desenhos e pinturas, institucionalizam-se como hieróglifos, abstraem-se como ideogramas, e enfim se tornam meros símbolos arbitrários e convencionais de sons como letras. Repetimos portanto que se assume, entre as representações, algum tipo de

⁴⁰ Sobre este assunto em relação ao “lullismo”, Cf. ROSSI, 2000, *passim*, mas especialmente o cap. 2.

⁴¹ *De Corpore*, I, 1, 2, *apud* DASCAL, 1987.

⁴² Não é inútil destacar a existência de um método de “livros de lugares-comuns”, cujo problema central é sua indexação, por LOCKE, 1823b. O livro foi traduzido e conheceu ampla circulação no começo do século XVIII.

⁴³ WILKINS, 1668. Para uma abordagem mais detida e de mais amplo escopo sobre a questão, cf. ECO, 2018.

⁴⁴ *Álgebra* era outra das áreas em que se distribuía o artigo *Signo* da Enciclopédia. É de se observar que, mesmo hoje, atribui-se o sucesso deste ramo da matemática a sua economia notacional. Condillac provê reflexões a respeito do papel dos signos na matemática desde o Ensaio; porém elas culminam em sua *Língua dos Cálculos*.

continuidade da imagem à letra.

A leitura consiste numa apreensão linear dos caracteres e que se organiza em níveis superiores: sílabas, palavras, frases, textos. A constatação da aglutinação pela escrita de unidades de ordens superiores está presente na longa tradição gramatical, mas tem muita fortuna sob a perspectiva de Condillac. Aqui, é fundamental a distinção entre o discreto e o contínuo. Pela influência adicional de Leibniz, conjugam-se estes e tantos problemas: a lei de continuidade nos processos físicos, a questão do infinito atual, que o abade rebate contra a filosofia leibniziana em sua dissertação *As Mônadas*, a necessidade de que cada percepção conforme *um todo único*, unidade ademais tributária de seu fundamento substancial, instanciado na mônada ou, para Condillac, na alma.⁴⁵ Essa série de problemas se reconfigura na filosofia tardia do abade a partir de 1754, na qual o abandono da classificação dos signos deverá ser considerado um sintoma importante, como mostraremos na conclusão.

O *Tratado das Sensações* de Condillac (1754) foi composto ao longo de anos de conversas pessoais com a Srta. Ferrand, a quem o abade louva no prefácio devido à sua morte prematura. Esta filósofa e matemática, negligenciada pela historiografia devido a não ter publicado coisa alguma, é entretanto objeto de um estudo recente que mostra com o vagar necessário sua importância para a filosofia do abade (GELBART, 2021). Porém, as reflexões matemáticas implicadas por esse tratado aparentemente poético são muito raramente apreciadas pelos comentadores, e se encontram no próprio tema da discreção (em oposição à continuidade) e, de maneira um pouco mais óbvia, no tema da prioridade do tato entre os demais sentidos, e portanto da representação propriamente espacial.

É muito curioso que, após anos de interlocução com uma especialista em matemática, Condillac tenha composto o que parece ser, ao menos à primeira vista, o menos matemático de seus livros. Mas isso nos parece poder ser esclarecido exatamente pelo paradoxo de que, na filosofia de Condillac, inspirada por Leibniz assim como a de muitos dos enciclopedistas, a própria percepção tem algo de profundamente “analítico”. É neste livro, portanto, que o abade dá o passo crucial na fundação de uma semiótica como disciplina geral dos signos, chamada por ele de *Gramática Geral*, ou apenas de *método*. Pois ocorre que, uma vez reconhecida a impossibilidade metodológica de distinguir definitivamente para a representação entre o signo e a coisa, *serão as próprias sensações que funcionarão como signos*. O exemplo principal disso é a relação entre uma percepção atual e sua correspondente ideia armazenada posteriormente na memória. A

⁴⁵ CONDILLAC, 1994. Trata-se de dissertação submetida ao concurso de 1748 da Academia de Berlim.

incontornável investigação genética, que compreende a razão de qualquer coisa pelo modo como ela se engendra, fecha-se aqui num círculo, não vicioso, mas antes recursivo, isto é, que reelabora de novo e de novo, cada vez melhor, a narrativa daquilo que já aconteceu. A partir deste momento, e na filosofia última de Condillac, Gramática e Lógica estarão em pé de igualdade, pois os signos (a gramática) não apenas *comunicam* os pensamentos, mas simultaneamente os *constituem*. Essa posição baseia-se na constatação de que não é possível ao método fixar a diferença entre os dois processos, o de constituição (na sensibilidade) e o de repetição (na memória). Isso significa que não é possível conceber as ideias como anteriores aos signos, pois também as próprias ideias (como imagens na representação) funcionam semioticamente.

A integração completa da receptividade sensorial de todos os cinco sentidos e suas correspondências, empreendida precisamente no *Tratado das Sensações*, restringe-se ao vocabulário das “ideias” e das “sensações”, ao mesmo tempo que as compreende claramente como signos, na medida em que cada sensação sempre aponta para algo além de si mesma (circunstâncias, causas, fins, termos...) e se constitui pela relação global que tem com o sistema em que se inclui, além de ter, em cada caso, um correspondente afetivo. Esse funcionamento que compõe um sistema através do entretecer de suas correspondências internas deve ser considerado, parece-nos, o melhor exemplo à época da plena formulação de uma disciplina metodológica que conclama, sob égide da categoria de signo, à unificação enciclopédica de todos os conhecimentos.

Sexta fonte: hermenêutica e a teoria das figuras (Du Marsais)

O segundo autor lembrado por Condillac no início da Gramática é Dumarsais: “Excelentes espíritos, que vieram depois, se dedicaram a bater o caminho que fora aberto [pelos senhores de Port Royal]. O sr. Dumarsais, que como filósofo investigou os princípios da linguagem, expôs sua visão com doses iguais de simplicidade e de clareza.”⁴⁶ Este autor, que desenvolve muitas das sugestões de Lamy, é uma das mais importantes referências para a filosofia de Condillac. Ele é ainda responsável pelos artigos da Enciclopédia referentes à Gramática até sua morte em 1755. Diderot reconhece a importância e originalidades destas discussões quando diz no *Discurso Preliminar* que “nenhuma obra conhecida será tão rica ou instrutiva quanto a nossa no que diz respeito às regras e aos usos da língua francesa, e mesmo à natureza, à origem e à filosofia das línguas em geral”.⁴⁷ O volume VII de 1757 contém um *Elogio de Du Marsais* de autoria de

⁴⁶ CONDILLAC, 2016, p.155.

⁴⁷ *Discours Préliminaire des éditeurs* (autoria Diderot), in: *Encyclopédie*, tomo I, p.xxxviii.

D’Alembert, que o louva como gramático: esta arte se encontrava no princípio como um “caos informe”, e teria sido necessário muito esforço aos “filósofos” para encontrar ali alguma regra; o autor diz “caber ao filósofo regradar as línguas”, e que compete ao gramático realizar uma “anatomia das frases”, uma “metafísica da Gramática”, e “remontar ao princípio que estabelece as regras”.⁴⁸ Du Marsais é apresentado portanto como metafísico, filósofo, gramático, mas também como lógico, pois estas disciplinas, vemos, estão em vias de se confundir. Seu *Tratado dos Tropos*, publicado em 1730, deveria ter sido a sétima parte de uma gramática que entretanto nunca foi escrita; a maior parte de suas reflexões publicadas se encontra então nos artigos da Enciclopédia sobre o assunto até meados da letra F, em especial a entrada “*Construção [Gramática]*”.

O *Tratado dos Tropos* tem um subtítulo curioso e útil para nossos propósitos: “das diferentes maneiras pelas quais se pode tomar uma mesma palavra numa mesma língua”. Não poderia ser maior a distância do imperativo aristotélico de inequívocidade⁴⁹, pois o fato de uma mesma palavra ter vários sentidos é tomado como propriedade incontornável e constitutiva da língua. A investigação sobre a criação dos diferentes sentidos se desenvolve de formas variadas ao longo das três partes da obra, e encontraremos aqui a sugestão da inclusão da *elocução* retórica na lógica, a partir dos desenvolvimentos já vistos em Lamy de uma “semântica passional”.⁵⁰ A possibilidade da multiplicidade do sentido se dá ainda em continuidade à tradição da exegese bíblica, a “alegoria dos teólogos” (HANSEN, 1986), que encontra em cada passagem do texto sagrado quatro sentidos diferentes, o literal, o figurado, o alegórico e o anagógico.⁵¹

A reflexão sobre a sinonímia, que tem como referência o dicionário de sinônimos franceses do abade Girard, de 1736, retoma também Locke, mas desenvolve uma tese original: a de que *a unidade do pensamento é anterior a sua distribuição em palavras*.⁵² Isto inverte o esquema do filósofo inglês, que se concentrava antes nos termos ou ideias; e apresenta o *juízo em bloco* como um todo anterior, que se analisa apenas posteriormente em palavras.

Eis um exemplo que ilustra a questão: no caso de um incêndio, os franceses gritam “Au feu!”, enquanto os romanos gritavam “Aguas!”.⁵³ Du Marsais nos mostra que, embora digam coisas

⁴⁸ *Éloge de Du Marsais* (autoria de d’Alembert), in: *Encyclopédie*, tomo VII, pp. i-xiii.

⁴⁹ Para essa caracterização da filosofia Aristotélica, cf. CASSIN, 2016; e FUNKENSTEIN, 1995, cap II, B,2.

⁵⁰ Para os cinco estágios da composição (invenção, disposição, elocução, memória, ação), cf. VICKERS, 1998, p.62ss. (“An Outline of Classical Rhetoric”)

⁵¹ DU MARSAIS, 1977, parte III, cap.8.

⁵² Essa mudança teórica ao longo do século XVIII foi mapeada por LAND, 1974.

⁵³ DUMARSAIS, 1793, tomo I, p.17. É de se notar que esta obra está incluída na edição da “Coleção de livros clássicos dedicada à convenção nacional para a nova Instrução pública” da Revolução Francesa, em que se encontram ademais, de Condillac, a *Lógica*, a *Arte de Raciocinar* e a *Arte de Escrever*, de Du Marsais, o texto ora citado é acompanhado pelo *Tratado dos Tropos* e uma *Lógica* do mesmo autor. *Os Direitos e Deveres do Cidadão* de Mably (irmão de Condillac), e *Os*

completamente opostas, em ambos os casos *uma mesma ideia* é expressa. Isso só é possível porque a “ideia” aqui não é “fogo” ou “água”, mas a circunstância de um incêndio como um todo. Quando um francês ouve “au feu!”, ele não pensa apenas no fogo, mas em toda a situação do incêndio, pois aprendeu que esta expressão circunscreve um elemento de um quadro mais amplo. Este quadro compreende ao mesmo tempo tanto o incêndio, quanto o pedido de ajuda para contê-lo, quanto o meio necessário para fazê-lo. Se os romanos convencionavam gritar “águas!”, é porque a água era imediatamente entendida como meio para apagar um incêndio, o que também não se precisaria dizer em pormenor. Em todo caso, há um mesmo quadro que quando disposto em palavras se resume, por economia extrema proveniente da urgência da situação, em apenas um dos elementos, que cada uma das línguas seleciona ao bel-prazer. Ora, esta operação funciona como uma sinédoque, que toma a parte pelo todo.

A filosofia da linguagem de Condillac é muito próxima da de Du Marsais, mas mantém com ele também algumas diferenças importantes, nas quais não nos deteremos aqui. O próprio Dumarsais já desenvolvia várias das tendências que encontramos, a saber, o problema da relação entre a linguagem e o pensamento; a suposição de uma unidade de base entre estas duas coisas; a importância das paixões para a explicação da conexão entre os dois domínios; um esquema lógico básico análogo ao da escrita, dividido entre a) uma coletânea de elementos discretos que b) se organizam em relações em vários níveis; as reflexões sobre a distinção entre o sucessivo e o simultâneo; e a questão do sentidos próprio e figurado.

Conclusão

Poderemos, na concorrência das fontes acima recenseadas, compreender um aspecto fundamental da filosofia de Condillac: a sensação como conceito multifacetado. Esta noção, embora apareça no sistema como “o simples” de onde tudo o mais parte, é também um complexo de no mínimo dois aspectos: por um lado, a representação, o analítico, ou ainda o extensivo; por outro, o passional, o imagético ou o intensivo. Nenhuma sensação é um mero conteúdo puramente lógico-sensorial: a toda sensação se atrela uma paixão mais ou menos intensa. Ademais, este aspecto intensivo ou passional é o que comanda, afinal, as ações do indivíduo, segundo o princípio do prazer estabelecido no *Tratado das Sensações*. Para que as relações entre as ideias possam ter alguma explicação, é preciso acrescentar-lhes uma outra ordem paralela que motive as associações. No Ensaio, isto já era claro na noção de carência [*besoin*], porém o primado das paixões se torna

Direitos do Homem de Paine completam a lista das obras desta “Primeira Classe” dedicada à “Lógica e Retórica”.

tanto mais explícito com a publicação do *Tratado* de 1754.⁵⁴ A atividade da atenção, a primeira da sensorialidade, se orienta pelo aspecto passional da experiência para constituir um elemento discreto da percepção (a sensação). O olho que contempla um quadro ou uma paisagem não se dirige portanto a qualquer objeto indiferentemente, mas preferencialmente ao que produz os afetos mais intensos, individuando assim um objeto na percepção.

Buscando o fundamento passional, e por assim dizer pré-racional, porque pré-linguístico e atrelado por natureza à organização fisiológica, Condillac reencontra ali uma razão suficiente da origem das representações. Os termos da língua não são mais, portanto, completamente arbitrários, como se dizia tradicionalmente desde Aristóteles: embora não haja uma determinação absoluta para cada termo, há sempre uma razão circunstancial que faz adotar ou preferir um termo a qualquer outro, e que deve ser propriamente investigada pelo método genético instituído por sua filosofia e inspirado em Leibniz.⁵⁵

A proximidade entre as filosofias de Condillac e Leibniz tem sido revalorizada pelos comentadores nas últimas décadas desde a redescoberta de *Les Monadés*.⁵⁶ A noção leibniziana de *expressão* nos parece central aqui na medida que se desenha tão ampla quanto a noção condillaquiana de signo, embora não seja nossa tarefa desenvolvê-la.⁵⁷ Parece suficiente aqui exemplificar a extensão do domínio a que se podem aplicar as reflexões sobre as sensações: a própria percepção, mas também a álgebra, as línguas faladas, as artes, o raciocínio, a política e a história, a metafísica e a física, as artes mecânicas, etc. Pela união da ligação das ideias, que é variadamente considerada por Condillac ao longo de suas obras como uma junção, um juízo, uma comparação, uma assimilação por semelhança (metáfora), e até mesmo uma implicação (como na antiga lógica estoica), em todo caso um *signo*, a influência de Leibniz se faz sentir, sobretudo nas obras posteriores à publicação dos *Novos Ensaíos* em 1765, o que compreende todo o *Curso de Estudos*, a *Lógica*, *O Comércio e o Governo* e a *Língua dos Cálculos*. No entanto, na Enciclopédia, o artigo *Semblable* [Parecido], que poderia remeter à amplitude da noção leibniziana de expressão, restringe-se às relações matemáticas. De toda forma, em Condillac, o velho sonho da *mathesis universalis*, ou de uma disciplina universal, parece ter se plasmado numa semiótica.⁵⁸

⁵⁴ Cf. quanto a isso a introdução de MONZANI, 1993.

⁵⁵ Cf. como exemplo patente disto LEIBNIZ, 1765, Livro III, cap. 2.

⁵⁶ Cf. o comentário introdutório à obra por Laurence Bongie em CONDILLAC, 1994, e um recente estudo por PÉCHARMAN, 2019. Para uma revalorização global da influência de Leibniz sobre o iluminismo francês, cf. FAUVERGUE, 2015.

⁵⁷ Ver LEIBNIZ, 2005. “Expressão” é um termo que normalmente se refere à *elocutio* retórica.

⁵⁸ Para uma apreciação recente mais completa da questão da *mathesis universalis* para além de Descartes, cf. a introdução de Rabouin contida em LEIBNIZ, 2018.

O avanço de Condillac diante dos desenvolvimentos anteriores, que talvez se encontrassem em Leibniz (DASCAL, 1978), porém de modo pouco acessível aos leitores setecentistas, parece ser o de compreender, a partir de Dumarsais, Dubos, Lamy etc, que os tropos poderão ser tomados com proveito como descrições do funcionamento sensorial, pois a receptividade das sensações é primeira, e todas as demais ordens lógicas se construirão portanto em relação a ela: é o que Condillac chama de *sensação transformada* como locução que compreende qualquer ideia. Isto significa que o arsenal proveniente da arte da *elocutio* será reabilitado para dar conta de todos os aspectos que vinham sendo identificados, pela tradição dialética moderna, como pertencentes ao trio invenção-disposição-memória (ONG, 1959).

Na filosofia última de Condillac, as relações instituídas entre as sensações ultrapassam em complexidade a simplória e incoerente classificação dos signos presente no *Ensaio* e no artigo da Enciclopédia. Se a própria percepção funciona em acordo com a figuração da linguagem, é a classificação dos tropos e figuras que deverá servir para classificar as relações sgnicas. Porém, nesse âmbito o abade censura os retores e gramáticos por se ocuparem longamente demais de uma listagem extenuante e inútil que sequer se aproxima de uma boa enumeração: “Ter-me-ia sido fácil, por exemplo, multiplicar ao infinito as espécies de figuras: eu teria tido apenas que copiar os gramáticos e os retores; mas então não teria feito subdivisões suficientes para esgotar a matéria, e as teria feito demais para que meu sistema fosse compreendido”.⁵⁹ Disposta esta observação ao lado daquela da *Lógica*, I, 4, em que se minimiza a utilidade das classificações, compreendemos enfim o abandono de uma tipologia engessada dos signos.

Diante da aproximação entre lógica e elocução, a filosofia de Condillac pode ser impunemente classificada também como uma retórica,⁶⁰ mas acreditamos que ela seria melhor compreendida como uma manobra de reclassificação convergente dos diferentes aspectos das três partes do *trivium*. Assumindo o ponto de vista do currículo como um todo, Condillac pretende unificá-los a partir da fala, isto é, da gramática. A própria fala, entretanto, será tomada em sentido metafórico, e se dirigirá a todo tipo de signos, inclusive aos gestos, às belas-artes, às notações.

A primeira linguagem, diz-nos Condillac desde o *Ensaio*, é a linguagem de ação. Reencontramos a quinta parte da doutrina da composição, ela também reconduzida ao solo fundante da unidade da alma: a *actio*, cujo sentido correspondente não é nem a audição nem a visão, mas antes o tato. A organização fisiológica do corpo uno do indivíduo o leva a interessar-se por

⁵⁹ CONDILLAC, 1947: *Art d'Écrire*, Livro IV, cap. 2. Algo muito semelhante é dito no livro II, cap. 15.

⁶⁰ É a tese que perpassa os comentários de Derrida sobre Condillac: DERRIDA, 1976; DERRIDA, 2020.

alguns aspectos, temer outros, e constituir um mundo para si. Como a correspondência entre o domínio sensitivo e o domínio motor permanece atuando pela natureza da alma, ela poderá ser a seguir desenvolvida, instrumentalizada e direcionada a outros objetivos. Uma gramática geral que pense as relações entre sistemas quaisquer terá como última origem histórica (heurística) a ordem sensorial. Esta teleologia está enraizada na própria natureza, que fala através de meu corpo para me guiar no que devo buscar e no que devo evitar, em aspecto proveniente da teologia, já presente explicitamente em Malebranche, como em Lamy, em Du Marsais, em Condillac: Deus vela pela minha conservação através das leis que mantém na natureza, e é assim que os alimentos que me nutrem se apresentam a mim como saborosos.

Como comprovação da correlação global e semiótica entre as ideias, trago enfim uma citação que descreve a produção de um modelo geral das representações:

Todas as nossas carências aderem [*se tiennent*] umas às outras, e se poderia considerar suas percepções como uma sequência de ideias fundamentais, às quais se reportariam todas aquelas que fazem parte de nossos conhecimentos. Acima de cada uma se elevariam outras sequências de ideias que formariam espécies de cadeias, cuja força estaria inteiramente na analogia dos signos, na ordem das percepções, e na ligação que as circunstâncias, que às vezes reúnem ideias as mais disparatadas, teriam formado. A uma carência liga-se a ideia da coisa que é própria a acalmá-la; esta ideia está ligada à do lugar em que esta coisa se encontra; esta, à das pessoas que se viram ali; esta última, às ideias dos prazeres ou tristezas recebidas, e várias outras. Pode-se mesmo observar que, à medida em que a cadeia se estende, ela se subdivide em diferentes elos; de sorte que quanto mais nos afastamos do primeiro anel, mais os elos se multiplicam. Uma primeira ideia fundamental é ligada a duas ou três outras; cada uma destas, a um número igual, ou mesmo a um maior, e assim por diante.

As diferentes cadeias ou elos que suponho acima de cada ideia fundamental seriam ligadas pela sequência das ideias fundamentais, e por alguns anéis que seriam verossimilmente comuns a várias; pois os mesmos objetos, e por conseguinte as mesmas ideias, se reportam frequentemente a diferentes carências. Assim, de todos os nossos conhecimentos, se formaria apenas uma só e mesma cadeia, cujos elos se reuniriam em certos anéis para se separar em outros.⁶¹

A reelaboração da filosofia tardia de Condillac, mais consequente que a versão do Ensaio, reencontra um funcionamento semiótico-trópico na constituição das próprias sensações. Talvez as sensações não fossem signos num princípio absoluto, admite o filósofo; mas em todo caso um

⁶¹ CONDILLAC, 1947, *Arte de Pensar*, I, 8. Tradução nossa.

tal princípio é inalcançável a um método humano.⁶² O que interessa, portanto, é que aqui e agora elas já funcionam como signos, e que só é possível falar delas como se fossem signos, pois a fala é emprego de signos. Os paradigmas da leitura e da escrita se disseminam por toda a experiência através do exemplo da própria percepção: é preciso, pois, ler o mundo. O arsenal teórico da gramática geral penetra, portanto, até à origem primitiva da sensorialidade. Isso não ocorre por incoerência filosófica, mas antes pela decisão de levar plenamente a sério a natureza figurativa da própria linguagem, inclusive em seus usos científicos e rigorosos. O funcionamento semiótico da percepção funda o funcionamento semiótico de todas as demais línguas, da linguagem de ação à fala, à pintura, à escrita, à álgebra. Toda sensação pode ser tomada como signo, e não há representação que não seja redutível, isso é, reconduzível geneticamente, a uma sensação transformada. Dessa forma, não há mais signos acidentais, pois todos os signos provêm da natureza, isto é, da percepção; e não há mais signos arbitrários como eram os de instituição, pois toda criação semiótica exige uma motivação que atue como causa suficiente de seu emprego. A classificação é portanto abandonada: há uma linguagem de ação natural que é consequência da fisiologia, enquanto todas as demais línguas são “artificiais”, pois se desdobram por analogia em relação à primeira.⁶³ Porém, para encerrar esta exposição sumária de forma provocativa, observamos que *a própria distinção entre natureza e arte* se torna algo capciosa, como uma tensão constitutiva do sistema. Pois a compreensão da natureza só pode ser obtida através de alguma explicitação artística/artificial, uma *expressão* enfim, que se dobre recursivamente sobre aquilo que expressa. Retomando uma tese retórica clássica, a arte artificialíssima é exatamente aquela que vem a se identificar à natureza: “a arte se esconde por força da arte”.⁶⁴ Para compreender a natureza, de qualquer maneira que seja, é preciso primeiro saber valer-se de signos.

Referências bibliográficas:

- ARISTÓTELES (2009). *Rhetoric*. Londres: Cambridge University Press.
- ARNAULD, Antoine & NICOLE, Pierre (1662). *La Logique ou L’Art de Penser*.
- BALIBAR, Étienne (1998). *John Locke, Identité et différence: L’invention de la conscience*. Paris: Seuil.

⁶² Condillac em verdade admite no *Tratado das Sensações* que a primeira sensação pode existir sozinha na alma. Porém, seria impossível falar dela. Aplicamos aqui portanto a reflexão que o próprio autor faz a respeito das “percepções obscuras” de Leibniz em CONDILLAC, 1953: se a tese é inútil ao método, não há por que se preocupar com ela. (*Cartas Inéditas a Gabriel Cramer*, Mémoire, 1750[?], p.95.)

⁶³ CONDILLAC, 2016. (*Gramática*, I, 1.)

⁶⁴ CONDILLAC, 1947. *Arte de Pensar*, II, 7. Tradução nossa.

- CANGUILHEM, Georges (1995 [1977]). *La formation du concept de réflexe aux XVIIe et XVIIIe siècles*. Paris: PUF.
- CASSIN, Barbara (2016). *Éloge de la traduction: compliquer l'universel*. Paris: Fayard.
- CHARRAK, André (2009). *Empirisme et théorie de la connaissance: réflexion et fondement des sciences au XVIIIe siècle*. Paris: Vrin.
- CONDILLAC, Étienne Bonnot de (1947-51). *Oeuvres philosophiques; texte établi et présenté par Georges Le Roy*. Paris: Presses Universitaires de France.
- _____ (1953). *Lettres Inédites à Gabriel Cramer. Texte établi, présenté et annoté par Georges Le Roy*. Paris: PUF.
- _____ (1993). *Tratado das Sensações*. Trad. bras. Denise Bottmann. Editora da Unicamp.
- _____ (1994). *Les Monadés*. Grenoble: Jérôme Millon.
- _____ (2016). *Lógica e outros escritos*. Trad. Bras. Pedro Paulo Pimenta, Fernão de Oliveira Salles e Lourenço Fernandes Neto e Silva. São Paulo: UNESP.
- _____ (2018). *Ensaio sobre a Origem dos Conhecimentos Humanos*. Trad. bras. Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: UNESP.
- _____ (2022). *Tratado dos Animais, in: CONDILLAC, É. & LEROY, G.: A Inteligência dos Animais*. Trad. bras. Lourenço Fernandes Neto e Silva. São Paulo: UNESP.
- CORDEMOY, Géraud (1668). *Discours physique de la parole*. Paris.
- DASCAL, Marcelo (1978). *La Sémiologie de Leibniz*. Paris: Aubier Montagne.
- _____ (1987). "Leibniz, Hobbes, Locke and Descartes on signs, memory and reasoning.", in: *Leibniz, Language, Signs and Thought: A Collection of Essays*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp.31-45.
- DEELY, John (2001). *Four Ages of Understanding*. Toronto: University of Toronto Press.
- _____ (1985). *Tractatus de Signis: The Semiotic of John Poinset*. Berkeley: University of California Press.
- DERRIDA, Jacques (1976). *L'Archéologie du Frivole*. Paris: Denoël/Gonthier.
- _____ (2020). *Le Calcul des Langues*. Paris: Seuil.
- DESCARTES, René. (1909). *Les Passions de l'âme*, (AT XI), p.411ss.
- DÉSIRAT, Dominique (2015). "Préface", in: DUBOS, J.-B.: *Réflexions critiques sur la poésie et sur la peinture*. Paris: Beaux-arts de Paris éditions.
- DIDEROT, Denis e D'ALEMBERT, Jean Le Rond (1751-1765). *Encyclopédie, ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*. Disponível em: <<http://enccre.academie-sciences.fr/encyclopedie/>>
- _____ (2015-2017). *Enciclopédia*. 6 volumes. São Paulo: UNESP.
- DOUAY-SOUBLIN, Françoise (1998). "Présentation", in: DUMARSAIS, C.C.: *Des tropes ou des différents sens, Figure et ving autres articles de l'Encyclopédie, etc*. Paris: Flammarion.
- DUBOS, Jean-Baptiste (2015 [1719]). *Réflexions critiques sur la poésie et sur la peinture*. Paris: Beaux-arts de Paris éditions.
- DUMARSAIS, César Chesneau (1793). *Principes de Grammaire ou Fragment sur les causes de la Parole*.
- _____ (1977 [1730]). *Traité des Tropes*. Paris: Nouveau Commerce.
- ECO, Umberto (2010). *De l'arbre au labyrinthe*. Paris: B. Grasset.

- _____ (2018). *A Busca da Língua Perfeita na Cultura Europeia*. São Paulo: UNESP.
- FAUVERGUE, Claire (2015). *Les Lumières et Leibniz: avant la publication des Nouveaux Essais*. Paris: Honoré Champion.
- FUMAROLI, Marc (1999). (org.): *Histoire de la rhétorique dans l'Europe Moderne, 1450-1950*. Paris: PUF.
- FUNKENSTEIN, Amos (1995). *Théologie et imagination scientifique*. Paris: PUF.
- GELBART, Nina Rattner (2021). "Mathematician and Philosopher: The 'Celebrated Mlle Ferrand'", in: *Minerva's French Sister: Women of Science in Enlightenment France*. New Haven & Londres: Yale UP.
- HALLER, Albrecht von (1755). *Dissertation sur les Parties Irritables et Sensibles des Animaux*. Lausanne.
- HANSEN, João Adolfo (1986). *Alegoria: Construção e Interpretação da metáfora*. São Paulo: Atual.
- HORÁCIO (1929). *Ars Poetica*. Cambridge: Harvard University Press.
- KOSSOVITCH, Leon (2011). *Condillac Lúcido e Translúcido*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- KRISTELLER, Paul Oskar (1951). "The Modern System of the Arts: A Study in the History of Aesthetics, Part I", in: *Journal of the History of Ideas*, 12(4), pp.496–527
- _____ (1952). "The Modern System of the Arts, Part II", in: *Journal of the History of Ideas*, 12(4), pp.17–46.
- LAND, Stephen (1974). *From Signs to Propositions: The Concept of Form in Eighteenth Century Semantic Theory*. Harlow: Longman.
- LAMY, Bernard (1998 [1675]). *La Rhétorique ou l'art de parler*. Paris: Honoré Champion.
- LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm (1765). *Nouveaux Essais sur l'Entendement Humain*, in: RASPE, R. E. (ed.): *Oeuvres philosophiques latines et françaises de feu M. Leibnitz*. Amsterdam e Leipzig.
- _____ (2005). "Meditações sobre o Conhecimento, a Verdade e as Idéias." [Meditationes de Veritate, Cognitione et Ideis]. Trad. Viviane de Castilho Moreira. *Dois Pontos*, 2(1), pp.13–25.
- _____ (2018). *Mathesis universalis: écrits sur la mathématique universelle*. Paris: Vrin.
- LOCKE, John (1823a). *An Essay Concerning Human Understanding* [1690]. in: *The Works of John Locke*. vol. I. Londres.
- _____ (1823b). *A New Method of Making Common-Place Books* [1706]. in: *The Works of John Locke*. vol. III. Londres.
- MALEBRANCHE, Nicolas (1675). *La Recherche de la Verité*.
- MONZANI, Luiz Roberto (1993). "O Empirismo na Radicalidade", in: CONDILLAC, É: *Tratado das Sensações*. Trad. bras. Denise Bottmann. Unicamp.
- NAIGEON, Jacques-André (1792). "Condillac, philosophie de", in: *Encyclopédie Méthodique: Philosophie Ancienne et Moderne*, tomo II. Paris: Panckoucke.
- NOILLE-CLAUZADE, Christine (1998). "Introduction", in: LAMY, B.: *La Rhétorique ou l'art de parler*. Paris: Honoré Champion.
- ONG, Walter (1958). *Ramus, Method and the Decay of Dialogue: From the Art of Discourse to the Art of Reason*. Harvard University Press.

- PÉCHARMAN, Martine (2019). “Il y a des composés, donc il y a des êtres simples. Vertu et infortune chez Condillac d’un principe métaphysique de Leibniz.” *Les Études Philosophiques*, 191(1), 57–110.
- QUESNAY, François (1747). *Essai Physique sur L’Oeconomie Animale*. 3 tomos.
- QUINTILIANO, Marco Fábio (2015). *Instituição Oratória*. 4 tomos. Campinas: Unicamp.
- RICKEN, Ulrich (1994). *Linguistics, anthropology, and philosophy in the French enlightenment*. Oxford: Routledge.
- ROSSI, Paolo (2000). *Logic and the Art of Memory: the quest for a universal language*. Londres: Continuum.
- SERMAIN, Jean-Pierre (1999). “Le code du bon goût (1725-1750)”. In: FUMAROLI, M.: *Histoire de la rhétorique dans l’Europe moderne, 1450-1950*, pp. 879-944.
- VICKERS, Brian (1988). *In Defence of Rhetoric*. Oxford: Clarendon Press.
- WILKINS, John (1668). *An Essay towards a real Character and a Philosophical Language*. Londres.